

JT
15/4/97 8C
236

O cotidiano indígena em exposição de fotos

Os hábitos e rituais de oito tribos foram registrados pela fotógrafa Rosa Gauditano, que expõe 60 imagens a partir da próxima quinta

Foto: divulgação



Índia carajá, habitante da Ilha do Bananal

Na exposição Nossa Tribo — que abre ao público no próximo dia 17 na Casa da Fotografia Fuji —, a fotógrafa Rosa Gauditano revela, por meio de 60 fotografias coloridas, o cotidiano de oito povos indígenas brasileiros. São retratados os carajás, da Ilha do Bananal; os ararás e kaiapós, do Pará; os tucanós, do norte do Amazonas; os ianomâmis, de Roraima; os xavantes, de Mato Grosso e os guaranis, de São Paulo e os pankararus, da Favela Real Parque, no bairro do Morumbi — moradia atual de quase mil integrantes dessa tribo do interior de Pernambuco (leia abaixo).

“O meu trabalho é uma ferramenta para a continuação e fortalecimento dessas etnias”, define Rosa. “Minha preocupação é documentar a luta dos índios por uma sobrevivência digna e pela permanência de sua cultura. O objetivo da exposição é justamente divulgar essas culturas tão importantes e tão pouco conhecidas.”

Fotógrafa há 21 anos — a maioria dos quais dedicados ao fotojornalismo —, Rosa começou a documentar os índios em 1989. Inicialmente, viajava às aldeias para fazer reportagens. Depois, passou a trabalhar com o Núcleo de Cultura Indígena. Foi durante esses anos que ela pôde visitar aldeias mais distantes, que sofreram pouca influência do homem branco. “Existem aldeias no norte do País que já foram visitadas diversas vezes pela imprensa estrangeira, mas que nunca viram um brasileiro”, diz ela, ressaltando as dificuldades encontradas nos jornais brasileiros em documentar essa realidade.

Aldeias paulistas

Mais recentemente, Rosa começou a trabalhar com recursos próprios, o que a levou a aldeias paulistas, como as de Parelheiros, no extremo sul da Capital, onde as reservas indígenas Morro da Saudade e Krukutu abrigam cerca de 400 índios Guaranis há 30 anos. Eles ainda falam o idioma nativo, plantam e fazem artesanato para sobreviver. Já os pankararus, atualmente vivendo em uma favela não-demarcada, compõem um capítulo à parte. Nos últimos cinco anos,



Pai kaiapó, da tribo paraense

Rosa já realizou duas exposições sobre o assunto e procura patrocínio para publicar dois livros: um com fotos dessa mostra e outro sobre a tribo dos índios xavantes de Pimentel Barbosa, no Mato Grosso — a tribo em que o Sepultura gravou *Roots*, último disco da banda em sua formação original. Lá, o trabalho da fotógrafa é requisitado pelos próprios nativos, que vêm na documentação uma forma de perpetuação da cultura oral que os caracteriza.

Vídeos e danças

Os índios xavantes da reserva de sangradouro (MT), por exemplo, chegaram a fundar uma associação (Associação Arte e Cultura *Idzo'uhu*) para preservar a própria cultura. Eles estão em São Paulo e, até domingo, realizam na Pontifícia Universidade Católica (PUC) o evento WARÁPUC, em que debatem o assunto, exibem vídeos e apresentam danças.

A despeito da colonização e da das missões que exterminaram milhares de nativos, ainda vivem no Brasil cerca de 300 mil índios — distribuídos em 280 etnias e falando 170 línguas diferentes. Na opinião da fotógrafa, mesmo com as políticas governamentais equivocadas, eles ainda têm muito a nos ensinar.

Fábio Moura

“Nossa Tribo” — Exposição fotográfica de Rosa Gauditano. De 17 de abril a 7 de maio, na Casa da Fotografia Fuji (Av. Vereador José Diniz, 3.400, tel: 533-7367). De segunda a sexta, das 9h às 19h. Sábados, das 13h às 17h.



Família guarani que vive numa aldeia em Parelheiros



Xavantes: evento na PUC para debater a preservação da cultura indígena

TRIBO QUE MORA EM FAVELA DO MORUMBI ESTÁ NA MOSTRA

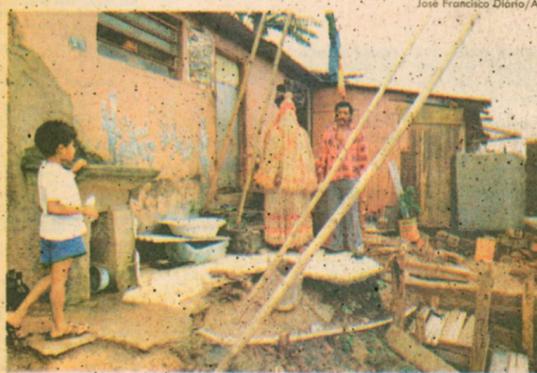
Fotógrafa registrou ritual de alguns dos 780 pankararus que vivem nas margens do Rio Pinheiros

Trabalhando principalmente na construção civil e tendo viajado mais de 2 mil km para chegar aqui, cerca de mil índios do povo pankararu moram em São Paulo. Desses, aproximadamente 780 habitam a Favela Real Parque e um alojamento vizinho, nas margens do Rio Pinheiros.

Expulsos de suas terras no interior de Pernambuco, ocupadas por posseiros, eles começaram a migrar para São Paulo na década de 50. Desde então, o principal desafio desses índios tem sido a manutenção dos traços culturais que os caracterizam, já que não têm espaço suficiente para realizarem os rituais, vivem em meio aos brancos e há décadas só falam português.

“Gostariamos de construir uma escola que ensinasse nossa língua às crianças. Só assim poderíamos ter certeza de que nossa cultura não morrerá”, diz Frederico Pankararu, presidente da associação da comunidade. Eles também fazem questão de cultivar o praia, rito no qual o homem, simbolizando um deus da tribo, veste uma roupa de palha e corda enquanto os índios, em círculo, dançam e cantam.

Preocupado com a perda de identidade cultural dos pankararus, o historiador Juliano Spyer, apresentador do programa Planeta Som, da Rádio USP, tomou a iniciativa de gravar um mini-disc (espécie de CD) com músicas da tribo para veicular em seu programa. “A música e a dança são traços muito característicos da cultura deles”, diz Spyer. “E a gravação das músicas é uma forma de contribuir para que essa cultura não se perca.”



Índios pankararu em barraco de favela na zona sul de São Paulo

Vítimas de preconceito, muitos desses índios não conseguem entrar no mercado de trabalho: “As pessoas acham que todo índio é preguiçoso e que todo mundo que mora em favela é ladrão. Como um índio favelado vai conseguir emprego?”, pergunta Manuel Alexandre Sobrinho, conselheiro da associação. Dono de um bar no alojamento onde estão (ele há sete meses esperam a entrega dos prédios do projeto Cingapura), ele revela que já teve de esconder a identidade para ser admitido em uma empresa de construção.

Brigando com a Funai pela posse das terras há anos, a maioria deles espera poder voltar à aldeia, onde, segundo a Funai, ainda residem 3,5 mil índios. “Queremos retirar os posseiros de nossa terra”, diz Frederico.

Frederico, ciente da dificuldade de sua tarefa.

Em 1940, os índios possuíam 14,3 mil hectares na divisa de Pernambuco com a Bahia, nos municípios de Petrolândia e Tacaratu, demarcados na era Vargas. Em 1986, 8,1 mil hectares foram homologados pelo governo Sarney. Só que tão velha quanto a demarcação é a existência dos posseiros, que ocupam dois terços das terras e só aceitam sair da região se receberem uma indenização orçada em R\$ 6 milhões.

Segundo Moacir Lyra, da Regional de Pernambuco da Funai, foi realizada na última sexta-feira uma reunião em Brasília na qual ficou acertado que as benfeitorias (casas, cercamentos e outras instalações de infra-estrutura) implantadas pelos posseiros foram feitas com boas intenções. “Em breve eles devem ser indenizados e reassentados em outro lugar”, diz Lyra. Mas a fundação não dispõe de tanto dinheiro a curto prazo, e os índios não parecem dispostos a esperar. “Em julho vamos para lá e colocaremos fogo nos postes de energia. Acho que só assim eles vão nos ouvir”, diz Frederico. **F.M.**